

O USO DA CANNABIS E O DESENVOLVIMENTO DA ESQUIZOFRENIA

CANNABIS USE AND THE DEVELOPMENT OF SCHIZOPHRENIA

EL CONSUMO DE CANNABIS Y EL DESARROLLO DE LA ESQUIZOFRENIA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-206>

Data de submissão: 16/05/2025

Data de publicação: 16/06/2025

Lenira Peloso Leite

Mestranda em Cognição e Linguagem
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes – Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: lenirapeloso@gmail.com

Larissa Pereira Costa

Doutora em Enfermagem
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: larissapcosta90@gmail.com

Davi Souza Rocha

Graduando do curso de Medicina
Centro Universitário São Carlos – UniSãoCarlos, Bom Jesus do Itabapoana – Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: souza-davi@hotmail.com

Láiza de Souza Chierici Peres

Pós-graduada em Saúde de Família e Comunidade
Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação em Saúde - ICEPI, Vitória – Espírito Santo, Brasil
E-mail: laizinhachierici@hotmail.com

Vania Lucia Carrara Lacerda

Mestranda em Cognição e Linguagem
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes – Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: vanialuciacarraralacerda@gmail.com

Thomaz Carrara Tinoco dos Santos

Graduando do curso de Medicina
Universidade Iguacu – Campus V, Itaperuna – Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: thomaz.carrara@gmail.com

Laís Carrara Tinoco dos Santos

Graduando do curso de Medicina
Universidade Iguacu – Campus V, Itaperuna – Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: laiscarraratinoco13@gmail.com

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar a relação entre o uso da Cannabis sativa e o desenvolvimento da esquizofrenia, um transtorno psiquiátrico grave, multifatorial e de alto impacto funcional e social. A esquizofrenia frequentemente se manifesta na juventude, mesma fase em que o consumo de cannabis é mais comum. Embora seus possíveis usos terapêuticos sejam amplamente divulgados, os riscos do uso recreativo da substância, especialmente os efeitos do tetrahidrocannabinol (THC) sobre a saúde mental, ainda são pouco esclarecidos. Fatores como idade de início do consumo, frequência de uso, predisposição genética e ambiente modulam o risco psicótico. Este estudo adota como metodologia a revisão de literatura, com base em artigos originais e revisões disponíveis nas plataformas Google Acadêmico, SciELO e PubMed. Os resultados demonstram que o uso de cannabis está associado à antecipação do início da esquizofrenia, agravamento dos sintomas, pior prognóstico e comprometimento cognitivo, principalmente entre jovens vulneráveis. A alta concentração de THC e a baixa presença de canabidiol (CBD) são determinantes nesse processo. Conclui-se que a cannabis, embora não seja causa única, é um importante fator ambiental de risco para o surgimento da esquizofrenia. Assim, torna-se urgente a implementação de políticas públicas de prevenção, regulação e educação em saúde mental.

Palavras-chave: Cannabis sativa. Esquizofrenia. Transtornos psicóticos. THC. Saúde mental.

ABSTRACT

This study aims to investigate the relationship between the use of Cannabis sativa and the development of schizophrenia, a severe, multifactorial psychiatric disorder with high functional and social impact. Schizophrenia often manifests in youth, the same age at which cannabis use is most common. Although its possible therapeutic uses are widely publicized, the risks of recreational use of the substance, especially the effects of tetrahidrocannabinol (THC) on mental health, are still poorly understood. Factors such as age at onset of use, frequency of use, genetic predisposition, and environment modulate psychotic risk. This study adopts a literature review methodology, based on original articles and reviews available on Google Scholar, SciELO, and PubMed. The results demonstrate that cannabis use is associated with earlier onset of schizophrenia, worsening of symptoms, worse prognosis, and cognitive impairment, especially among vulnerable young people. The high concentration of THC and the low presence of cannabidiol (CBD) are determining factors in this process. It is concluded that cannabis, although not the sole cause, is an important environmental risk factor for the onset of schizophrenia. Therefore, the implementation of public policies for prevention, regulation and education in mental health is urgent.

Keywords: Cannabis sativa. Schizophrenia. Psychotic disorders. THC. Mental health.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo investigar la relación entre el consumo de Cannabis sativa y el desarrollo de esquizofrenia, un trastorno psiquiátrico grave y multifactorial con un alto impacto funcional y social. La esquizofrenia suele manifestarse en la juventud, la misma edad en la que el consumo de cannabis es más común. Si bien sus posibles usos terapéuticos son ampliamente conocidos, los riesgos del consumo recreativo de la sustancia, especialmente los efectos del tetrahidrocannabinol (THC) en la salud mental, aún son poco conocidos. Factores como la edad de

inicio del consumo, la frecuencia de consumo, la predisposición genética y el entorno modulan el riesgo psicótico. Este estudio adopta una metodología de revisión bibliográfica, basada en artículos originales y revisiones disponibles en Google Scholar, SciELO y PubMed. Los resultados demuestran que el consumo de cannabis se asocia con una aparición más temprana de esquizofrenia, empeoramiento de los síntomas, peor pronóstico y deterioro cognitivo, especialmente entre jóvenes vulnerables. La alta concentración de THC y la baja presencia de cannabidiol (CBD) son factores determinantes en este proceso. Se concluye que el cannabis, si bien no es la única causa, constituye un importante factor de riesgo ambiental para la aparición de esquizofrenia. Por lo tanto, es urgente implementar políticas públicas de prevención, regulación y educación en salud mental.

Palabras clave: Cannabis sativa. Esquizofrenia. Trastornos psicóticos. THC. Salud mental.

1 INTRODUÇÃO

A esquizofrenia é um distúrbio psiquiátrico de natureza grave, que compromete amplamente o funcionamento mental do indivíduo. Entre suas manifestações mais comuns estão alterações significativas no pensamento, na percepção sensorial, nas emoções, na linguagem, na construção da identidade e nos comportamentos. Esses sintomas, em geral, estão ligados a níveis variados de comprometimento social e funcional de longa duração, resultando em uma percepção da realidade profundamente alterada (Barlow; Durand, 2016 apud Santos; Soares; Monte, 2023).

A doença em questão apresenta um desafio significativo para a saúde pública em escala global. O transtorno costuma se manifestar em uma fase crítica da vida, frequentemente na juventude, justamente quando o indivíduo está em processo de conquista da autonomia. Isso pode resultar em incapacidades duradouras e em um forte estigma social. Sob a perspectiva dos impactos pessoais e econômicos, a esquizofrenia está entre os transtornos mentais mais onerosos e debilitantes enfrentados pela sociedade (Tamminga, 2022).

A origem da esquizofrenia é complexa e multifatorial, resultando de uma interação entre predisposições genéticas e influências ambientais. Entre os fatores de risco não genéticos, o uso de substâncias psicoativas — com destaque para a cannabis — tem sido amplamente estudado, em razão de seu potencial papel na amplificação da suscetibilidade ao desenvolvimento do transtorno (Zhylin et al., 2023 apud Teixeira et al., 2025). Neste sentido, o uso dessa substância pode acelerar o aparecimento e agravar manifestações psicológicas em indivíduos com predisposição a transtornos mentais. Ela é considerada um fator de risco independente para o surgimento de episódios psicóticos agudos, comprometimento das funções cognitivas, alterações no comportamento, intensificação dos sintomas já existentes e impactos negativos na evolução clínica dos transtornos (Santos et al., 2014 apud Henriques et al., 2019).

A cannabis, conhecida popularmente como maconha, ocupa a terceira posição entre as substâncias psicoativas mais consumidas no mundo, ficando atrás apenas do álcool e do cigarro convencional. Seu uso é especialmente frequente entre os jovens, sendo, nos Estados Unidos, a substância ilícita mais comum nessa faixa etária. Um dos principais compostos extraídos da planta é o delta-9-tetrahidrocannabinol (THC), que atua predominantemente sobre os receptores CB1 no cérebro, desencadeando efeitos eufóricos que motivam seu uso recreativo (Conor et al., 2021 apud Zonaro; Pereira; Coelho, 2023).

A exposição à cannabis tem sido apontada como um fator relevante na origem e no desenvolvimento da esquizofrenia. O crescimento do consumo em escala global, aliado ao avanço no entendimento do sistema endocanabinoide e a novos achados epidemiológicos, tem intensificado o

interesse científico em compreender melhor a ligação entre o uso da substância e a manifestação de transtornos psicóticos (Andrade, 2011 apud Britto et al., 2016). Por isso, o estudo aqui apresentado possui a finalidade de analisar a relação entre o cannabis e o desenvolvimento da esquizofrenia, bem como apresentar evidências que comprovam – ou não – as associações entre o desenvolvimento da doença e o uso da droga ilícita.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão de literatura com o objetivo de reunir, analisar e sintetizar publicações científicas que investigam a relação entre o uso de cannabis e o desenvolvimento da esquizofrenia. Essa abordagem permite uma compreensão ampla do estado atual do conhecimento, identificando tendências, lacunas e desafios presentes na área de estudo.

A busca pelos artigos foi realizada entre abril e maio de 2025, contemplando publicações nos idiomas português e inglês. As bases de dados consultadas foram: Google Acadêmico, Scielo e PubMed, escolhidas por sua abrangência e relevância científica. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave em português: Cannabis sativa; esquizofrenia; transtornos psicóticos; THC; saúde mental. Em inglês, os termos empregados foram: Cannabis; schizotypal; Schizophrenia; Non-affective psychosis. Foram elegíveis artigos originais, revisões sistemáticas, metanálises e estudos comparativos, desde que integralmente acessíveis e alinhados com o escopo da pesquisa.

O processo de seleção dos estudos seguiu critérios específicos de inclusão, como: pertinência ao tema proposto, disponibilidade do texto completo, e relação direta com o uso da cannabis como desenvolvedor da esquizofrenia. Os tipos de estudo elegíveis incluíram artigos originais, revisões e estudos comparativos, desde que disponíveis integralmente e com conteúdo alinhado ao escopo da pesquisa.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

Inicialmente, destaca-se que os estudos selecionados no referencial teórico foram fundamentais para a consolidação da presente pesquisa, oferecendo subsídios relevantes para a compreensão da relação entre o uso da cannabis e o desenvolvimento da esquizofrenia. Com o intuito de aprofundar essa análise, foram escolhidos autores cujos trabalhos apresentam contribuições significativas sobre os mecanismos envolvidos nessa associação. A seguir, apresenta-se um quadro comparativo que sintetiza os principais achados dos estudos revisados, permitindo uma visão integrada das evidências disponíveis e servindo de base para a discussão dos aspectos clínicos, epidemiológicos e genéticos relacionados à temática:

Quadro 1. Resultados.

TÍTULO	AUTOR (S)	OBJETIVO	RESULTADOS	CONCLUSÕES
Associações entre o uso de cannabis e esquizofrenia: uma revisão de literatura	Britto et al. (2016)	Revisar a literatura sobre associação entre uso de cannabis e esquizofrenia.	Sugestiva associação, principalmente em predispostos e uso precoce.	Uso de cannabis pode preceder desenvolvimento da esquizofrenia, embora sem causalidade definitiva.
Relação entre uso de cannabis e a esquizofrenia: uma revisão de literatura	Ingra Dalcin Pereira et al. (2023)	Analizar relação entre uso de cannabis e desenvolvimento da esquizofrenia.	Maior risco de psicose e conversão para esquizofrenia em até 47,7% dos casos.	Uso de cannabis associado a risco aumentado, especialmente em vulneráveis.
Os efeitos do uso precoce de cannabis e o risco de esquizofrenia: uma revisão narrativa	Mariana Silva dos Santos et al. (2023)	Sintetizar efeitos do uso precoce de cannabis na adolescência e risco de esquizofrenia.	Uso precoce associado a maior risco de desenvolvimento da doença.	Prevenção do uso precoce é eficaz para redução da incidência.
Uso da Cannabis sativa e sua relação com a etiopatogênese da esquizofrenia	Jânio Gomes Rocha Júnior (2019)	Investigar associação do uso da Cannabis sativa e esquizofrenia.	Padrão entre uso crônico na adolescência e desenvolvimento de episódios psicóticos.	Uso crônico associado à etiopatogênese da esquizofrenia em suscetíveis.
Relação do uso da cannabis com o desenvolvimento de transtornos mentais: revisão bibliográfica	Anna Laura da Conceição Ribeiro Henriques et al. (2016)	Analizar relação do uso prolongado de cannabis com transtornos mentais.	Consumo prolongado relacionado a desenvolvimento de transtornos mentais, incluindo esquizofrenia.	Uso prolongado é fator significativo de risco.
Transtorno esquizofreniforme	Carol Tamminga (2022)	Explicar transtorno esquizofreniforme e seu tratamento.	Sintomas semelhantes à esquizofrenia, duração entre 1 e 6 meses.	Diagnóstico e tratamento precoces são fundamentais para prevenção da esquizofrenia.

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme evidencia o Quadro 1, a relação entre o uso de cannabis e o desenvolvimento da esquizofrenia é complexa e multifacetada. Fatores como o início precoce do consumo, a frequência de uso, a alta concentração de tetrahidrocannabinol (THC) e a predisposição genética surgem como elementos centrais na modulação do risco psicótico. Tais achados indicam uma interação significativa entre aspectos ambientais e biológicos, que pode intensificar a vulnerabilidade ao transtorno. Para aprofundar essa compreensão, estudos epidemiológicos, clínicos e neurobiológicos têm apontado uma associação consistente entre o consumo de cannabis, sobretudo em idades precoces e em doses elevadas, e o aumento do risco para o surgimento de sintomas psicóticos. Uma meta-análise conduzida por Scoke et al. (2014) examinou 29 estudos transversais para avaliar a associação entre o uso de cannabis e traços esquizotípicos.

Os resultados indicaram que indivíduos que consumiram cannabis, mesmo que apenas uma vez, apresentaram escores mais elevados em medidas de esquizotipia em comparação com aqueles que nunca usaram. Essa associação foi observada em todas as dimensões esquizotípicas: positiva, negativa

e desorganizada. Embora as diferenças fossem de magnitude pequena a moderada, foram estatisticamente significativas, sugerindo que o uso de cannabis está associado a um aumento nos traços esquizotípicos na população geral (Scoke et al., 2014).

Outro estudo, realizado por Helle et al. (2015), o qual realizaram 1.119 pacientes na Noruega, foram diagnosticados com transtornos do espectro esquizofrênico. O trabalho revelou que aqueles que usavam substâncias apresentavam início da doença cerca de três anos mais cedo do que os abstêmios. Especificadamente, o uso de Cannabis foi significativamente associado a um início precoce da psicose, independentemente de farores como sexo ou histórico familiar de psicose.

Outrossim, Myles et al. (2016), estimou que o intervalo médio entre o início do uso regular de Cannabis e o início da psicose é de aproximadamente 6,3 anos. A prevalência do uso da planta no momento do primeiro episódio psicótico foi de 33,7%, e muitos continuaram a usar a substância mesmo após o diagnóstico. Ademais, o risco de desenvolver a psicose pelo uso da planta é documentada como risco quase quatro vezes maior de desenvolver esquizofrenia ou outros transtornos psicóticos quando comparados a não usuários.

No entanto, há evidências de um gradiante de exposição, qual seja: quanto mais frequente e intensa é a utilização da substância, maior é a probabilidade de manifestação dos sintomas. Além disso, há indícios sobre a persistência dos sintomas após cessado o uso da substância. Neste sentido, os sintomas não desaparecem completamente após a interrupção do consumo, e o uso pesado pode funcionar não apenas como um gatilho transitório, mas como um fator precipitante de quadros psicóticos duradouros e crônicos, potencialmente vinculados à esquizofrenia (Marconi et al., 2016).

Segundo Robinson (2022), o risco relativo de desenvolver a psicose aumenta a cada uso de Cannabis. Assim, o risco aumenta significativamente com o uso semanal ou mais frequente da planta, enquanto o uso menos frequente não está associado a um risco significativo. A identificação desses limiares de risco é crucial para informar a prevenção em saúde pública, imperioso para evitar o uso frequente de Cannabis e reduzir o risco de desenvolvimento de psicose.

Além disso, os indivíduos do estudo supramencionado com fatores de risco adicionais, como predisposição genética ou histórico familiar de transtornos psicóticos, podem estar particularmente vulneráveis aos efeitos adversos do uso frequente da substância. Portanto, estratégias de prevenção devem considerar não apenas a frequência do uso, mas também fatores de risco individuais, para fornecer orientações mais personalizadas e eficazes na redução do risco de desenvolver doenças associadas ao uso da planta (Robinson et al., 2022).

Imperioso destacar que antecipar o início da esquizofrenia nos indivíduos predispostos é essencial. O prognóstico e o curso clínico são meios pelos quais podem antecipar o início da doença,

uma vez que a esquizofrenia precoce está frequentemente associada a desfechos mais desfavoráveis, incluindo maior gravidade dos sintomas, pior funcionamento social e ocupacional, alé de resistência na adesão aos tratamentos adequados (Helle et al., 2016).

Apesar da ampla documentação da associação entre o uso de cannabis e o surgimento de quadros esquizofrênicos, a demonstração de um vínculo causal direto permanece desafiadora, sobretudo devido à presença de fatores hereditários e ambientais compartilhados entre indivíduos predispostos. Giordano et al. (2014), buscando esclarecer esse ponto, empregou um desenho metodológico co-relativo, analisando pares de irmãos e primos com diferentes padrões de consumo de cannabis. Esse modelo permitiu isolar, em parte, os efeitos do ambiente familiar e da carga genética comum.

Os resultados revelaram que, mesmo após o controle desses fatores, o uso de cannabis continuou significativamente associado ao aumento do risco de esquizofrenia, o que confere maior robustez à hipótese de um papel etiológico independente da substância. Isso indica que, embora a vulnerabilidade genética contribua para o desenvolvimento do transtorno, a exposição à cannabis pode funcionar como um fator ambiental modificável que atua na deflagração do quadro clínico (Giordano et al., 2014).

Outro ponto relevante identificado por Hines et al. (2020) diz respeito à vulnerabilidade diferenciada entre os adolescentes expostos à cannabis de alta potência. O estudo mostrou que aqueles que iniciaram o uso mais cedo (especialmente antes dos 16 anos) apresentaram trajetórias mais problemáticas, incluindo maior risco de dependência e pior funcionamento global ao longo do tempo. Além disso, a análise dos dados revelou que o uso de cannabis mais potente estava associado a mudanças negativas na cognição e no desempenho acadêmico, ainda que esses efeitos não se manifestassem de maneira uniforme em todos os participantes.

Os autores sugerem que fatores como predisposição genética, comorbidades prévias e contexto familiar podem modular os efeitos da substância, tornando certos indivíduos mais sensíveis aos impactos neuropsiquiátricos da cannabis de alta potência. Esses achados reforçam a ideia de que não apenas a frequência e a potência, mas também o momento de início do consumo e o perfil individual do usuário são determinantes cruciais no risco de desenvolvimento de psicopatologias associadas ao uso da substância (Hines et al., 2020).

Avançando no debate sobre os impactos da potência da cannabis na saúde mental, a revisão sistemática conduzida por Petrilli et al. (2022) evidenciou que a alta concentração de tetrahidrocannabinol (THC) está associada a um maior risco de psicose e transtorno por uso de cannabis (CUD), o estudo também destacou um aspecto ainda pouco explorado: a intensificação da relação

dose-resposta conforme a disponibilidade de produtos mais potentes aumenta globalmente. Assim, no estudo, a elevação da potência média dos produtos disponíveis no mercado legal e informal nos últimos anos coincide com o aumento das taxas de internações psiquiátricas atribuídas ao uso de cannabis, sugerindo que o ambiente regulatório influencia diretamente o padrão de morbidade psiquiátrica associada à substância.

Petrilli et al. (2022) sugerem que a redução do teor de cannabidiol (CBD) nos produtos comercializados pode estar contribuindo para o agravamento dos quadros clínicos, uma vez que a presença de CBD parece exercer função moduladora sobre os efeitos psicoativos do THC. Diante disso, futuras regulamentações devem considerar não apenas limites máximos para o teor de THC, mas também a necessidade de uma concentração mínima de CBD para mitigar os riscos psiquiátricos. Essa abordagem mais refinada pode representar um avanço nas estratégias de minimização de danos, aliando liberdade individual com responsabilidade sanitária (Petrilli et al., 2022).

Teixeira et al. (2025), explorou as perscepções tanto de usuários em processo de recuperação quanto de profissionais de saúde mental no Brasil. Embora houvesse reconhecimento do potencial terapêutico do canabidiol em tratamentos de doenças refratárias, prevalecem preocupações significativas em relação aos efeitos adversos do uso da substância, especialmente no que tange às consequências físicas, psíquicas e sociais de seu uso recreativo. A percepção da insuficiência das políticas públicas atuais para lidar de forma eficaz com os desafios impostos pelo aumento do consumo, evidenciando lacunas na prevenção, tratamento e educação sobre a substância.

Ademais, é necessário que haja diálogo mais amplo e fundamentado, que considere a complexidades do uso terapêutico, além da importância de ampliar a pesquisa científica para fundamentar as políticas mais efetivas e contextualizadas à realidade brasileira. Portanto, o uso da substância está associado a quadros psiquiátricos, principalmente em pacientes com histórico neurotóxico do THC, aumentando sintomas como ansiedade, depressão, bem como a esquizofrenia. A exposição contínua à Cannabis dificulta o manejo clínico, o que contribui para um mal prognóstico do paciente (Campos, 2024).

Portanto, imperioso considerar os aspectos neurobiológicos envolvidos, como a modulação dos receptores canabinoides no cérebro, e os efeitos deletérios que o consumo prolongado pode causar na plasticidade neural e nas vias dopaminérgicas, que são centrais para o desenvolvimento e a manutenção das doenças psicóticas. Essa influência negativa é potencializada em usuários que iniciam o consumo precocemente e utilizam variedades de alta potência. Logo, de suma importância que haja políticas públicas mais eficazes que abordem o uso de Cannabis de maneira multidimensional, incluindo:

prevenção, diagnóstico precoce e tratamento adequado. Além disso, é necessário que haja a compreensão populacional acerca da Cannabis e seus efeitos sobre a saúde mental (Campos, 2024).

4 CONCLUSÃO

A revisão da literatura realizada neste estudo evidencia que o uso de Cannabis sativa, sobretudo em sua forma de alta potência, exerce influência decisiva no surgimento e agravamento de quadros psicóticos, com destaque para a esquizofrenia. Os dados demonstram que o consumo precoce, frequente e intenso da substância está associado a efeitos deletérios sobre o desenvolvimento cerebral, intensificando sintomas psicóticos e comprometendo funções cognitivas essenciais.

Estudos internacionais e pesquisas realizadas no contexto brasileiro ressaltam que indivíduos com vulnerabilidades – sejam predisposições genéticas, comorbidades prévias ou contexto familiar adverso – apresentam maior suscetibilidade aos efeitos neuropsiquiátricos da cannabis, evidenciando a necessidade de um acompanhamento clínico rigoroso.

A análise dos achados de diversos estudos confirma a existência de uma relação dose-resposta, na qual o aumento da potência do THC e a redução relativa dos níveis de canabidiol (CBD) potencializam os riscos de iniciação precoce dos sintomas e pior prognóstico clínico. Esses resultados, além de destacarem a robustez da associação entre o uso da cannabis e o desenvolvimento de transtornos psicóticos, enfatizam a importância de políticas públicas integradas. Tais políticas devem contemplar não apenas a regulação sanitária e a limitação da potência dos produtos comercializados, mas também a implementação de programas preventivos e educativos, especialmente voltados para populações jovens e vulneráveis.

No cenário brasileiro, as evidências também revelam a carência de estratégias eficazes de prevenção e tratamento dos impactos do uso da cannabis, o que reforça a urgência de ampliar o diálogo entre pesquisadores, profissionais da saúde e formuladores de políticas públicas. Em síntese, a articulação entre medidas regulatórias, campanhas educativas e intervenções clínicas especializadas constitui um caminho promissor para mitigar os efeitos adversos e reduzir a incidência de esquizofrenia e outras psicopatias associadas ao consumo de Cannabis sativa.

Portanto, frente à consolidação de evidências científicas, torna-se essencial a formulação de estratégias integradas que envolvam educação, regulação, intervenção clínica e investimento em pesquisa, com vistas a mitigar os impactos do uso da cannabis sobre a saúde mental e reduzir o risco de desenvolvimento de transtornos psicóticos como a esquizofrenia.

REFERÊNCIAS

BRITTO, L. R. Uso da cannabis e risco de esquizofrenia: uma revisão sistemática. 2014. Monografia (Graduação em Medicina) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

BRITTO, L. R. et al. Associações entre o uso de cannabis e esquizofrenia: uma revisão de literatura. Revista de Ciências Médicas e Biológicas, Salvador, v. 15, n. 1, p. 95-102, jan./abr. 2016. DOI: 10.9771/cmbio.v15i1.15146.

CAMPOS, L. A influência da maconha (*Cannabis sativa*) no agravamento de doenças psiquiátricas. Revista Sociedade Científica, v. 7, n. 1, p. 2671-2699, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.10816406.

CUZZI, M. J. Uso de drogas ilícitas por adolescentes e crianças no Brasil e seus efeitos no encéfalo em desenvolvimento. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia-Bioquímica) – Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

HELLE, S. et al. Cannabis use is associated with 3 years earlier onset of schizophrenia spectrum disorder in a naturalistic, multi-site sample (N=1119). *Schizophrenia Research*, v. 170, n. 1, p. 217-221, 2016. DOI: 10.1016/j.schres.2015.11.010.

HENRIQUES, A. L. C. R. et al. Relação do uso da cannabis com o desenvolvimento de transtornos mentais: revisão bibliográfica. In: V Seminário Científico do UNIFACIG, 07 e 08 nov. 2019, Manhuaçu. Anais... Manhuaçu: UNIFACIG, 2019.

HINES, L. A. et al. Association of high-potency cannabis use with mental health and substance use in adolescence. *JAMA Psychiatry*, v. 77, n. 10, p. 1044-1051, 2020. DOI: 10.1001/jamapsychiatry.2020.1035.

MARCONI, A. et al. Meta-analysis of the association between the level of cannabis use and risk of psychosis. *Schizophrenia Bulletin*, v. 42, n. 5, p. 1262-1269, 2016. DOI: 10.1093/schbul/sbw003.

PEREIRA, I. D.; GIROTTI JÚNIOR, J. Relação entre o uso da cannabis e a esquizofrenia: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 6, n. 5, p. 22694-22700, set./out. 2023. DOI: 10.34119/bjhrv6n5-280.

PETRILLI, K. et al. Association of cannabis potency with mental ill health and addiction: a systematic review. *The Lancet Psychiatry*, v. 9, n. 9, p. 736-750, 2022. DOI: 10.1016/S2215-0366(22)00161-1.

ROBINSON, T. et al. Risk-thresholds for the association between frequency of cannabis use and the development of psychosis: a systematic review and meta-analysis. *Psychological Medicine*, v. 53, n. 9, p. 3858-3868, 2023. DOI: 10.1017/S0033291722000902.

ROCHA JÚNIOR, J. G. Uso da Cannabis sativa e sua relação com a etiopatogenese da esquizofrenia. 2019. Dissertação (Graduação em Enfermagem) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2019.

SANTOS, M. S.; SOARES, F. M.; MONTE, A. S. Os efeitos do uso precoce de cannabis e o risco de esquizofrenia: uma revisão narrativa. *Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva*, Salvador, v. 4, n. e14690, p. 1-10, 2023. DOI: 10.18554/pc.v4i0.14690.

SZOKE, A. et al. Association between cannabis use and schizotypal dimensions: a meta-analysis of cross-sectional studies. *Psychiatry Research*, v. 219, n. 1, p. 58-66, 2014. DOI: 10.1016/j.psychres.2014.05.008.

TAMMINGA, C. Transtorno esquizofreniforme. Dallas: UT Southwestern Medical, 2022.

TEIXEIRA, C. S. B. et al. A relação entre o uso prolongado da cannabis e o risco de desenvolver esquizofrenia. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 17, n. 3, p. 1-21, 2025.

ZONARO, J. M. D.; PEREIRA, T. H. P. O.; COELHO, R. C. R. A. B. O uso de cannabis como fator de risco para o desenvolvimento/progressão de quadros de esquizofrenia: uma revisão de literatura. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 11, e122121143869, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i11.43869.